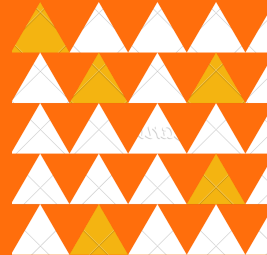


BOLETIM ESPECIAL NOVEMBRO NEGRO



SUMÁRIO



03

Apresentação

13

Dicas de Filmes

04

Ações da PGE/BA

16

Dicas de Livros

07

Decisões Judiciais Importantes e
Legislação Antirracista

25

Dicas de Podcasts

10

Eventos Relevantes

27

Expediente





Novembro Negro: Mês de Reflexão e Ação pela Igualdade Racial

O Novembro Negro é um momento de profunda importância no Brasil, um mês que ressoa com a força da ancestralidade e o poder da transformação. É um período de reflexão, mas também de ação, onde cada passo é dado em direção à justiça, à igualdade e ao respeito. Nesse mês, o Brasil celebra a riqueza e a resiliência da cultura afro-brasileira, trazendo à tona histórias de luta, resistência e conquistas que moldaram a identidade de nossa nação.

A escolha de novembro é simbólica e poderosa, marcada pelo Dia da Consciência Negra, celebrado em 20 de novembro. Este dia não é apenas uma data no calendário, mas uma homenagem a Zumbi dos Palmares, líder do Quilombo dos Palmares, um herói cuja coragem se tornou um farol de esperança para todos aqueles que buscam a liberdade.

Novembro é o mês em que celebramos e refletimos sobre a importância da luta contra o racismo e a promoção da igualdade racial. Neste Novembro Negro, a Procuradoria Geral do Estado da Bahia (PGE/BA) reafirma seu compromisso com a defesa dos direitos humanos, a promoção da justiça social e o combate às desigualdades raciais que ainda permeiam a nossa sociedade.

Uma série de atividades foram elaboradas com o objetivo de promover debates, reflexões e ações concretas em prol da igualdade racial e do reconhecimento da cultura afro-brasileira. Entre essas atividades, destacam-se palestras e eventos culturais que envolvem a participação de acadêmicos negros, ativistas e a sociedade civil. O objetivo é ampliar a conscientização sobre o impacto histórico do racismo e suas consequências na vida cotidiana, além de fortalecer o engajamento nas lutas por justiça social e direitos humanos.



Ações da PGE/BA

Ações da PGE/BA

no Mês da Consciência Negra:



Exposição Fotográfica

Exposição Fotográfica – “25 de julho, 25 mulheres: Negritudes, Circularidades e Resistências pela Liberdade”.



01/11, às 9h00



Auditório Paulo Spínola



Seminário Jurídico

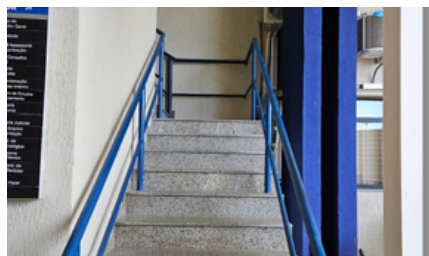
Seminário Jurídico “Trajetórias Negras: desafios, lutas e resistência”, com Dora Bertúlio e Germana Pinheiro.



07/11, às 14h30



Auditório Paulo Spínola



Lançamento

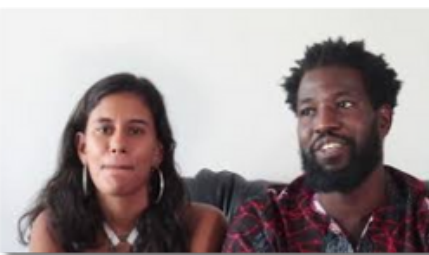
Lançamento do Espaço “Degraus da Reflexão”



08/11, às 10h00



Área de Convivência



Cine PGE Temático

Exibição do curta “5 fitas”

Bate-papo com os diretores Vilma Martins e Heraldo de Deus



13/11, às 14h30



Auditório Paulo Spínola

Ações da PGE/BA

no Mês da Consciência Negra:



Clube de Leitura

Livro - Quando me descobri negra, de Bianca Santana

 14/11, às 14h30

 Área de Convivência



Conversando com o Autor

Celebrando autores negros, com Bas'llele Malomalo e Ana Fátima.

 19/11, 14h30 às 17h30

 Auditório Paulo Spínola



Encerramento Novembro Negro

Apresentação musical + Apresentação Teatral + Coquetel

 28/11, 17h00

 Área de Convivência

Decisões Judiciais Importantes e Legislação Antirracista



Decisões judiciais impactantes relacionadas ao racismo no Brasil

- ADPF 186 (2004): O Supremo Tribunal Federal (STF) decidiu que a reserva de vagas para negros em universidades é constitucional, reconhecendo a necessidade de ações afirmativas para corrigir desigualdades históricas.
 - RE 597.285 (2012): O STF reafirmou a constitucionalidade das cotas raciais em concursos públicos, permitindo que instituições adotem políticas de inclusão para candidatos negros.
 - Habeas Corpus 154248 (2021): O STF decidiu que o crime de injúria racial configura uma forma de racismo e é imprescritível.
 - Decisão do STJ sobre racismo institucional (2021): O Superior Tribunal de Justiça (STJ) reconheceu que práticas discriminatórias em instituições públicas podem ser consideradas racismo institucional, abrindo caminho para ações judiciais contra órgãos que não promovem a igualdade racial.
 - ADPF 635 (2024): O Supremo Tribunal Federal (STF) marcou para 13 de novembro o início do julgamento da Arguição de Descumprimento de Preceito Fundamental (ADPF 635) conhecida como ADPF das Favelas, que trata da letalidade policial no Rio de Janeiro.

Na ocasião, o plenário vai dar início à leitura do relatório do caso, documento que resume o histórico da tramitação ação, e às sustentações orais das partes envolvidas no processo. A data da votação será marcada posteriormente.

Na ação, a Corte já determinou medidas para reduzir a letalidade durante operações realizadas pela Polícia Militar do Rio contra o crime organizado nas comunidades da capital fluminense.

Entre os procedimentos relacionados à ADPF, a Corte obrigou o uso de câmeras corporais nas fardas dos policiais e nas viaturas, além do aviso antecipado das operações para autoridades das áreas de saúde e educação para proteger escolas de tiroteios e garantir atendimento médico à população.
- 



Legislação Antirracista

- Decreto nº 65.810, de 8 de dezembro de 1969: Promulga a convenção internacional sobre a eliminação de todas as formas de discriminação racial
 - Lei no 7.716, de 5 de janeiro de 1989: Define os crimes resultantes de preconceito de raça ou de cor, estabelecendo punições para práticas discriminatórias.
 - Lei no 11.645, de 10 março de 2008: Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”.
 - Lei no 12.288, de 20 de julho de 2010: Institui o Estatuto da Igualdade Racial, destinado a garantir à população negra a efetivação da igualdade de oportunidades, a defesa dos direitos étnicos individuais, coletivos e difusos e o combate à discriminação e às demais formas de intolerância étnica.
 - Lei no 13.709, de 14 de agosto de 2018: Embora não seja exclusivamente antirracista, a Lei Geral de Proteção de Dados promove a proteção de dados pessoais, incluindo informações sobre raça, contribuindo para a proteção da população negra contra discriminação.
 - Lei no 14.532, de 11 de janeiro de 2023: Altera a Lei no 7.716, de 5 de janeiro de 1989 (Lei do Crime Racial), e o Decreto-Lei no 2.848, de 7 de dezembro de 1940 (Código Penal), para tipificar como crime de racismo a injúria racial, prever pena de suspensão de direito em caso de racismo praticado no contexto de atividade esportiva ou artística e prever pena para o racismo religioso e recreativo e para o praticado por funcionário público.
- 

Eventos Relevantes



■ 5a Conferência das Nações Unidas sobre os Países Menos Desenvolvidos (LDC5): A Conferência aconteceu em Doha, Catar, entre 5 e 9 de março de 2023. O evento reuniu cerca de 5 mil participantes, incluindo 47 chefes de Estado e de governo.

A conferência teve como objetivo acelerar o desenvolvimento sustentável dos 46 países menos desenvolvidos do mundo, que representam 14% da população mundial. O secretário-geral da ONU, António Guterres, pediu auxílio internacional para ajudar o grupo de países a trilhar o caminho para a prosperidade.

Ao final da conferência, foi adotada uma declaração que fornece um “plano claro para recuperação, renovação e resiliência” para os Estados mais vulneráveis.

■ A Conferência Mundial contra o Racismo, Discriminação Racial, Xenofobia e Intolerância Correlata foi um evento realizado entre 31 de agosto e 8 de setembro de 2001, na cidade de Durban, na África do Sul. O evento contou com a participação de mais de 2.500 representantes de 170 países, incluindo 16 Chefes de Estado, e teve como objetivo principal combater o racismo, a discriminação racial e a intolerância. Durante o encontro, os países participantes foram incentivados a reunir e publicar dados estatísticos sobre discriminação. Entre os principais resultados da conferência, destacam-se:

- A adoção do termo "afrodescendente" pela ONU;
- O reconhecimento de que as opressões raciais se articulam com outros fatores, como gênero, localização geográfica e posição social;
- A afirmação de que os Estados têm um papel central no enfrentamento ao racismo;
- A consideração da escravidão e do tráfico de escravos como crimes contra a humanidade;
- A introdução do antirracismo como um fator central no desenvolvimento dos países.

■ Década Internacional de Afrodescendentes (2015-2024): A Década Internacional de Afrodescendentes foi proclamada pela Assembleia Geral da ONU para o período entre 2015 e 2024, conforme a resolução 68/237.





O objetivo é reforçar a cooperação nacional, regional e internacional em relação ao pleno aproveitamento dos direitos econômicos, sociais, culturais, civis e políticos das pessoas afrodescendentes, bem como sua participação plena e igualitária em todos os aspectos da sociedade.

O tema para a Década Internacional de Afrodescendentes é “Reconhecimento, Justiça e Desenvolvimento”.

Os principais objetivos da Década Internacional são:

- Promover o respeito, proteção e cumprimento de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais das pessoas afrodescendentes, conforme reconhecido na Declaração Universal dos Direitos Humanos;
- Promover um maior conhecimento e respeito pelo patrimônio diversificado, cultura e contribuição dos afrodescendentes para o desenvolvimento das sociedades;
- Adotar e reforçar os quadros jurídicos nacionais, regionais e internacionais de acordo com a Declaração e Programa de Ação de Durban e com a Convenção Internacional sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação Racial, assegurando sua plena e efetiva implementação.



Dicas de Filmes

Amarelo

"AmarElo: É Tudo Pra Ontem" (2020) é um documentário dirigido por Fred Ouro Preto e protagonizado pelo rapper e ativista Emicida. O filme mistura imagens do show "AmarElo" realizado no Theatro Municipal de São Paulo com uma rica narrativa que explora a história da cultura negra no Brasil. Emicida apresenta a trajetória e as influências por trás do seu álbum "AmarElo", enquanto reflete sobre questões sociais, raciais e culturais que permeiam a vida da população negra.

O documentário conecta a música de Emicida com eventos históricos e figuras importantes da resistência negra no Brasil, destacando a luta contra o racismo e a busca por reconhecimento e justiça. "AmarElo: É Tudo Pra Ontem" é uma celebração da negritude e uma chamada à ação, que convida o público a refletir sobre o passado, presente e futuro das questões raciais no país.



Estrelas Além do Tempo

"Estrelas Além do Tempo" (2016) é um filme baseado em fatos reais que conta a inspiradora história de três mulheres afro-americanas que trabalharam na NASA durante a corrida espacial nos anos 1960. Katherine Johnson (interpretada por Taraji P. Henson), Dorothy Vaughan (Octavia Spencer) e Mary Jackson (Janelle Monáe) enfrentam desafios e discriminação racial e de gênero enquanto desempenham papéis cruciais nos projetos da agência espacial americana, incluindo a missão que colocou o astronauta John Glenn em órbita.

O filme destaca a genialidade, resiliência e coragem dessas mulheres que, apesar das barreiras impostas pela segregação, contribuíram significativamente para o sucesso das missões espaciais e abriram caminho para futuras gerações na ciência e na engenharia. "Estrelas Além do Tempo" é uma celebração do talento e da perseverança, e uma lembrança poderosa da importância da igualdade e da inclusão.



Doutor Gama

"Doutor Gama" (2021) conta a história de Luiz Gama, um importante líder da luta contra a escravidão no Brasil. Nascido de mãe negra e pai branco, ele foi vendido como escravo ainda criança. Luiz Gama, no entanto, conseguiu conquistar sua liberdade e, sem formação acadêmica, tornou-se um dos advogados mais influentes de sua época. Utilizando seu profundo conhecimento das leis, defendeu e libertou mais de 500 pessoas escravizadas. A obra acompanha sua trajetória de superação e resistência, revelando sua importância na história da abolição e na defesa dos direitos humanos.



Vista a Minha Pele

Trata-se de uma paródia da realidade brasileira, para servir de material básico para discussão sobre racismo e preconceito em sala-de-aula. Nessa história invertida, onde os negros são a classe dominante e os brancos foram escravizados. Os países pobres são, por exemplo, Alemanha e Inglaterra, e os países ricos são, por exemplo, África do Sul e Moçambique.

Maria é uma menina branca pobre, que estuda num colégio particular graças à bolsa-de-estudos que tem pelo fato de sua mãe ser faxineira nesta escola. A maioria de seus colegas a hostilizam, por sua cor e por sua condição social, com exceção de sua amiga Luana, filha de um diplomata que, por ter morado em países pobres, possui uma visão mais abrangente da realidade.



Moonlight, Sob a Luz do Luar

O filme conta a história de Chiron (interpretado por Alex Hibbert na infância, Ashton Sander na adolescência e Travante Rhodes na fase adulta), um rapaz negro que mora em um bairro violento de Miami e passa por diversos obstáculos e dificuldades, desde bullying na escola, até o envolvimento com o crime, passando por um processo de autoconhecimento especialmente no tocante à sua sexualidade. Baseada na peça inédita "In Moonlight Black Boys Look Blue" - que, numa tradução livre significa "Sob a luz do luar, garotos negros parecem azuis" - de Tarell Alvin McCraney, a história autobiográfica assinada também por Jenkins ganhou diversos prêmios, dentre eles o Oscar de Melhor Roteiro Adaptado e o de Melhor Filme em 2017.



Green Book - O Guia

Dr. Don Shirley é um pianista afro-americano de renome mundial, prestes a embarcar em uma turnê pelo sul dos Estados Unidos, em 1962. Como precisa de um motorista e guarda-costas, Shirley recruta Tony Lip, um ítalo-americano fanfarrão do Bronx. Apesar de suas diferenças, os dois homens desenvolvem uma ligação inesperada ao enfrentar o racismo e os perigos de uma era de segregação racial.



Histórias Cruzadas

Nos anos 60, no Mississippi, Skeeter é uma garota da alta sociedade que retorna determinada a se tornar escritora. Ela começa a entrevistar as mulheres negras da cidade, que deixaram suas vidas para trabalhar na criação dos filhos da elite branca, da qual a própria Skeeter faz parte. Aibileen Clark, a empregada da melhor amiga de Skeeter, é a primeira a conceder uma entrevista. Apesar das críticas, Skeeter e Aibileen continuam trabalhando juntas e, aos poucos, conseguem novas adesões.



Dicas de Livros

Pequeno Manual Antirracista

Neste pequeno manual, a filósofa e ativista Djamila Ribeiro trata de temas como atualidade do racismo, negritude, branquitude, violência racial, cultura, desejos e afetos. Em onze capítulos curtos e contundentes, a autora apresenta caminhos de reflexão para aqueles que queiram aprofundar sua percepção sobre discriminações racistas estruturais e assumir a responsabilidade pela transformação do estado das coisas. Já há muitos anos se solidifica a percepção de que o racismo está arraigado em nossa sociedade, criando desigualdades e abismos sociais: trata-se de um sistema de opressão que nega direitos, e não um simples ato de vontade de um sujeito. Reconhecer as raízes e o impacto do racismo pode ser paralisante. Afinal, como enfrentar um monstro desse tamanho? Djamila Ribeiro argumenta que a prática antirracista é urgente e se dá nas atitudes mais cotidianas. E mais ainda: é uma luta de todas e todos.



Cidadania e Racismo

Cidadania e racismo: por uma emancipação afropindorâmica do Brasil, escrita pelo professor Otavio Henrique Ferreira da Silva, busca explorar profundamente as intersecções entre cidadania e a histórica condição de colonização do Brasil. O autor destaca como essas marcas do passado continuam a influenciar a realidade social e política do país, especialmente nas lutas contemporâneas por emancipação. Um foco especial é dado à luta antirracista, que Silva apresenta como central para a construção de uma cidadania verdadeiramente inclusiva e transformadora. O conceito de "emancipação afropindorâmica" sugere uma busca por uma identidade e autonomia próprias, que se distanciem das influências coloniais e racistas que ainda permeiam a sociedade brasileira.



Pele Negra, Máscaras Brancas

É um dos textos mais influentes dos movimentos de luta antirracista desde sua publicação, em 1952. Logo de início, se apresenta como uma interpretação psicanalítica da questão negra, tendo como motivação explícita desalienar pessoas negras do complexo de inferioridade que a sociedade branca lhes incute desde a infância. Assim, descortina os mecanismos pelos quais a sociedade colonialista instaura, para além da disparidade econômica e social, a interiorização de uma inferioridade associada à cor da pele – o que o autor chama de "epidermização da inferioridade". Não se compreende a questão negra fora da relação negro-branco.

Com erudição, Fanon articula conceitos da filosofia, psicanálise, psiquiatria e antropologia, e autores como Hegel, Sartre, Lacan, Freud e Aimé Césaire (referência literária, intelectual e política que perpassa toda a obra), numa notável linguagem poética, que nos conduz a uma reflexão sobre sua relação com o tema.



Olhares Negros: Raça e representação

Na coletânea de ensaios críticos reunidos em *Olhares negros*, Bell Hooks interroga narrativas e discute a respeito de formas alternativas de observar a negritude, a subjetividade das pessoas negras e a branquitude. Ela foca no espectador — em especial, no modo como a experiência da negritude e das pessoas negras surge na literatura, na música, na televisão e, sobretudo, no cinema —, e seu objetivo é criar uma intervenção radical na forma como nós falamos de raça e representação. Em suas palavras, os ensaios de olhares negros se destinam a desafiar e inquietar, a subverter e serem disruptivos". Como podem atestar os estudantes, pesquisadores, ativistas, intelectuais e todos os outros leitores que se relacionaram com o livro desde sua primeira publicação, em 1992, é exatamente isso o que estes textos conseguem.



Escrever Além da Raça

"Se não pudermos culturalmente aceitar o modo como o pensamento e a prática da supremacia branca elucidam aspectos de nossa vida, independentemente da cor da pele, nunca conseguiremos ir além da raça." Neste livro, lançado originalmente em 2013, após um relevante marco histórico no debate racial — a eleição de Barack Obama como primeiro presidente negro dos Estados Unidos —, Bell Hooks consolida e aprimora um argumento que a acompanhou por décadas: a compreensão da supremacia branca enquanto "ideologia dissimulada que é a causa silenciosa do dano e do trauma". Nos dezessete ensaios deste volume, em que volta a exercer uma refinada crítica cultural, a autora se esforça para demonstrar que raça, gênero e classe "correm o risco de se tornar meros tópicos de investigação sem relação com o aprendizado transformador ou com a mudança prática". Para evitá-lo, explica Hooks, a análise interseccional deve incorporar o entendimento da supremacia branca como característica transversal dos sistemas interligados de dominação. "Estou tentando pensar e escrever além dos limites que nos mantêm hiper-racializados", diz. "Encontrar uma maneira de ir além da raça é o único caminho para a longevidade emocional e para a libertação."



Racismo: Uma Breve Introdução

A obra *Racismo - Uma breve introdução* é um clássico essencial que aborda uma das questões mais urgentes e pertinentes do mundo contemporâneo: o racismo. De maneira acessível e concisa, o autor apresenta uma análise clara e objetiva sobre a origem, as formas de manifestação e os impactos do racismo nas sociedades atuais. A obra não apenas oferece uma visão histórica sobre o problema, mas também explora suas dimensões estruturais e institucionais, mostrando como o racismo se perpetua em diferentes contextos. Indispensável tanto para leitores iniciantes quanto para estudiosos, o livro serve como uma poderosa ferramenta para compreender e enfrentar essa questão social, incentivando o debate e a ação contra as desigualdades raciais.



Quem Tem Medo do Feminismo Negro?

Quem tem medo do feminismo negro?, de Djamila Ribeiro, é uma obra contundente e necessária que aborda as múltiplas facetas do feminismo sob a perspectiva das mulheres negras. A autora, uma das principais intelectuais brasileiras da atualidade, examina o racismo, o machismo e a interseccionalidade, oferecendo uma reflexão crítica sobre como as opressões de gênero e raça se entrelaçam na sociedade brasileira. O livro reúne ensaios que exploram a importância do feminismo negro como ferramenta de luta por justiça social, propondo uma emancipação que considere as experiências únicas das mulheres negras. Com uma linguagem acessível, a obra convida o leitor a refletir sobre questões centrais como privilégio, resistência e o poder transformador da solidariedade entre as mulheres.



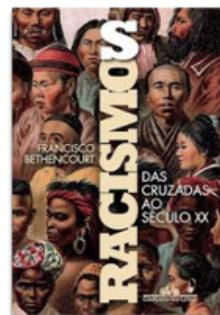
Bantos, Malês e Identidade Negra

Bantos, Malês e Identidade Negra, de Nei Lopes, é uma obra essencial que explora a rica diversidade cultural e histórica dos povos africanos que influenciaram profundamente a formação da identidade negra no Brasil. O autor, um dos mais respeitados intelectuais e estudiosos da cultura afro-brasileira, investiga as contribuições dos povos Bantos e Malês, ressaltando suas tradições, religiões, e linguagens. Lopes analisa como esses grupos, apesar das condições adversas da escravidão, preservaram suas culturas e influenciaram significativamente a cultura brasileira, em especial no que diz respeito à religião, à música e à língua. A obra também aborda as formas de resistência e organização política dessas populações, além de refletir sobre o papel dessas heranças culturais na construção da identidade negra contemporânea no Brasil.



Racismos: Das Cruzadas ao Século XX

Racismos: Das Cruzadas ao Século XX, de Francisco Bethencourt, é uma obra abrangente que traça a evolução do racismo ao longo da história, desde o período das Cruzadas até o século XX. Com uma abordagem global, o autor examina como o racismo foi moldado por diferentes contextos históricos, culturais, religiosos e econômicos, revelando que essa ideologia não é estática, mas se transforma conforme as condições sociais e políticas mudam. Bethencourt analisa o racismo como uma construção histórica, detalhando suas raízes na era das cruzadas, no colonialismo europeu, na escravidão e nas políticas imperialistas, até chegar às formas modernas de racismo que marcaram o século XX. A obra oferece uma visão crítica e detalhada, combinando uma pesquisa profunda com uma narrativa clara, sendo indispensável para quem deseja compreender as origens e as dinâmicas do racismo ao longo dos séculos e seus impactos no mundo contemporâneo.



Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade nacional versus identidade negra

É uma obra crítica que revisita o conceito de mestiçagem no Brasil, questionando sua função na construção da identidade nacional e suas implicações para a identidade negra. O autor, um dos mais influentes antropólogos e intelectuais na área dos estudos raciais no Brasil, argumenta que a exaltação da mestiçagem foi usada historicamente para mascarar o racismo estrutural e para diluir as especificidades da negritude na sociedade brasileira. Munanga desconstrói a ideia de "democracia racial" e revela como o discurso da mestiçagem muitas vezes serve para apagar as desigualdades raciais e neutralizar as reivindicações das populações negras. A obra também reflete sobre as complexidades de se afirmar uma identidade negra em um país onde a mistura racial foi romantizada, mas as diferenças raciais continuam a gerar desigualdade.



Escritos de Liberdade: Literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista

Escritos de Liberdade: Literatos negros, racismo e cidadania no Brasil oitocentista, de Ana Flávia Magalhães Pinto, é uma obra que explora a participação de intelectuais e escritores negros nas discussões sobre racismo, liberdade e cidadania no Brasil do século XIX. A autora examina como esses literatos utilizaram a palavra escrita como uma forma de resistência e reivindicação de direitos em um período marcado pela escravidão e pelas tensões raciais. O livro destaca a importância desses escritores na construção de um discurso antirracista e na luta pela emancipação, revelando suas contribuições para o debate público sobre a cidadania negra e a formação de uma sociedade mais justa. Ana Flávia Magalhães Pinto investiga o papel desses homens e mulheres negros na imprensa e na literatura, mostrando como suas vozes desafiam as narrativas dominantes da época e abriram caminho para o questionamento das estruturas de poder raciais e sociais.



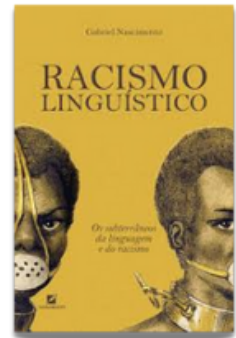
Uma Breve História do Racismo: Intolerâncias, Genocídio e Crimes contra a Humanidade

Uma Breve História do Racismo: Intolerâncias, Genocídio e Crimes contra a Humanidade, de Jacques d'Adesky, é uma obra que oferece uma análise concisa, mas profunda, sobre as origens e a evolução do racismo ao longo da história humana. O autor explora como a intolerância racial tem sido utilizada para justificar a opressão, a violência, os genocídios e outros crimes contra a humanidade em diferentes épocas e culturas. D'Adesky examina episódios históricos marcantes, como a escravidão, o colonialismo, o Holocausto e outros regimes de segregação e extermínio, traçando paralelos entre esses eventos e suas consequências para o mundo contemporâneo. Com uma abordagem que mescla história, sociologia e antropologia, a obra também reflete sobre as resistências e as lutas contra o racismo, propondo uma reflexão sobre os caminhos possíveis para combater essa forma persistente de intolerância e construir uma sociedade mais igualitária e justa.



Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo

Racismo Linguístico: Os Subterrâneos da Linguagem e do Racismo, de Gabriel Nascimento, explora como o racismo se manifesta de forma oculta na linguagem. O autor argumenta que a sociedade brasileira marginaliza modos de falar associados a identidades negras, tratando-os como "incultos" e desvalorizando a diversidade linguística. Nascimento analisa o impacto desse preconceito na educação e nas relações sociais, revelando a linguagem como uma ferramenta tanto de opressão quanto de resistência. O livro provoca reflexão sobre o poder das palavras e a importância de respeitar a pluralidade cultural do Brasil.



Olhos D'água

Em Olhos d'água Conceição Evaristo ajusta o foco de seu interesse na população afro-brasileira abordando, sem meias palavras, a pobreza e a violência urbana que a acometem. Sem sentimentalismos, mas sempre incorporando a tessitura poética à ficção, seus contos apresentam uma significativa galeria de mulheres: Ana Davenga, a mendiga Duzu-Querença, Natalina, Luamanda, Cida, a menina Zaita. Ou serão todas a mesma mulher, captada e recriada no caleidoscópio da literatura em variados instantâneos da vida? Elas diferem em idade e em conjunturas de experiências, mas compartilham da mesma vida de ferro, equilibrando-se na "frágil vara" que, lemos no conto "O Cooper de Cida", é a "corda bamba do tempo". Em Olhos d'água estão presentes mães, muitas mães. E também filhas, avós, amantes, homens e mulheres – todos evocados em seus vínculos e dilemas sociais, sexuais, existenciais, numa pluralidade e vulnerabilidade que constituem a humana condição. Sem quaisquer idealizações, são aqui recriadas com firmeza e talento as duras condições enfrentadas pela comunidade afro-brasileira.



Um Defeito de Cor

A obra conta a história de Kehinde, mulher africana que, quando criança, é sequestrada do Reino de Daomé (atual Benim) e escravizada na Bahia. A protagonista regressa a seu país de origem ao conseguir se alforriar na idade adulta. Anos mais tarde, cega e idosa, ela decide voltar ao Brasil para buscar um filho perdido, iniciando uma viagem que revisita suas dores da escravidão e décadas de construção da sociedade brasileira.

A personagem é inspirada em Luisa Mahin, heroína da Revolta dos Malês — movimento de escravizados de Salvador em 1835 — e tida como mãe do abolicionista Luís Gama. Mahin foi trazida ao Brasil da Costa da Mina e escravizada no século 19, segundo a Fundação Cultural Palmares. Gama, nascido em 1830, foi vendido como escravo na infância pelo próprio pai, português afundado em dívidas.



Solitária

Solitária, de Eliana Alves Cruz, é um romance histórico que explora as complexidades do racismo, da violência e da resistência no Brasil. A narrativa acompanha Maria Trindade, uma mulher negra e escravizada no Rio de Janeiro do século XIX, que é presa e mantida em uma solitária após cometer um ato de resistência.

Na solidão de sua cela, Maria reflete sobre sua vida e luta contra o esquecimento e a brutalidade do sistema escravista. Ela encontra forças em suas lembranças, em sua ancestralidade e na esperança de liberdade. A obra é uma denúncia das atrocidades sofridas por pessoas negras e um tributo à resiliência e à capacidade de resistência, destacando o papel da memória e da identidade cultural como ferramentas de sobrevivência e luta. Solitária tem uma narrativa intensa e poética, que faz o leitor confrontar uma parte dolorosa da história brasileira e reflete sobre os ecos do passado que ainda persistem na sociedade atual.

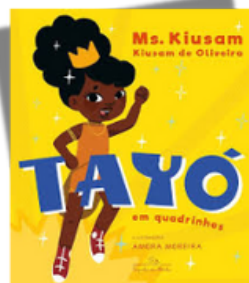


Infantis

O Mundo no Black Power de Tayó

O Mundo no Black Power de Tayó, escrito por Kiusam de Oliveira e ilustrado por Taisa Borges, é um livro infantil que celebra a identidade, o orgulho e a beleza negra. A história acompanha Tayó, uma menina cheia de atitude e autoconfiança, que adora seu cabelo black power e tem orgulho de sua cultura e ancestralidade.

Ao longo da narrativa, Tayó enfrenta e responde a comentários preconceituosos de forma assertiva, defendendo a importância de sua identidade e o respeito à diversidade. Com uma linguagem poética e ilustrações vibrantes, o livro promove a valorização da autoestima das crianças negras e a conscientização sobre a importância da representatividade e do combate ao racismo. O Mundo no Black Power de Tayó é uma obra inspiradora que incentiva crianças a abraçarem quem são e a terem orgulho de suas raízes.



Sulwe

Sulwe, escrito por Lupita Nyong'o e ilustrado por Vashti Harrison, é um livro infantil que aborda temas como autoestima, autoconfiança e aceitação da própria identidade. A história gira em torno de Sulwe, uma menina com a pele da cor da meia-noite que se sente diferente dos outros por ser mais escura do que qualquer pessoa em sua família e na escola. Desejando ser "clara" como sua mãe e sua irmã, Sulwe enfrenta tristeza e insegurança.

Tudo muda quando uma noite mágica a leva em uma jornada especial, onde ela descobre o valor da beleza interior e entende que sua cor é única e especial. Com uma narrativa sensível e ilustrações deslumbrantes, Sulwe inspira leitores a reconhecerem e abraçarem sua própria beleza e individualidade, promovendo a diversidade e a valorização das diferentes tonalidades de pele.



Ashanti: Nossa Pretinha

Ashanti: Nossa Pretinha, escrito por Elsa Rodrigues dos Santos, é um livro infantil que conta a história de Ashanti, uma menina negra adotada por uma família branca. A obra explora as descobertas e os desafios de Ashanti ao se perceber diferente de sua família e dos colegas ao seu redor, abordando temas como identidade racial, pertencimento e autoestima.

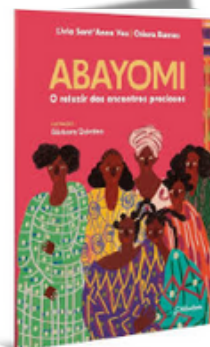
Com sensibilidade e carinho, a narrativa apresenta as experiências e reflexões de Ashanti enquanto ela aprende a valorizar suas origens e a ter orgulho de sua cor e herança cultural. Ashanti: Nossa Pretinha é um convite à reflexão sobre a importância da representatividade, do respeito à diversidade e do fortalecimento da identidade negra desde a infância.



Abayomi: O Reluzir dos Encontros Preciosos

Abayomi: o reluzir dos encontros preciosos é um livro de Chiara Ramos e Livia Sant'anna Vaz que conta a história de sete irmãs de um clã de guerreiras ashantis, na África Ocidental. As irmãs são confrontadas com um desafio que parece irrealizável e, se não o cumprirem, todo o povoado onde vivem poderá ser afetado. O livro transmite ensinamentos sobre a sabedoria ancestral e o poder da filosofia Ubuntu, que diz "Eu sou porque nós somos".

A palavra abayomi tem origem iorubá e significa "encontro precioso". A boneca Abayomi é um símbolo de resistência e tradição africana, e pode ser usada para transmitir e valorizar a cultura africana



Os Dengos na Moringa de Voinha

Nesse livro, o leitor passará por lembranças cheias de afeto: o abraço do Voinho, o cafuné da mainha, as cantigas de painho, o cheiro do angu feito pela tia, a dança da irmã caçula. A guardiã dessas lembranças é a moringa de Voinha, um jarro feito de barro, que simboliza a força da ancestralidade da memória.



Com Qual Penteadado Eu Vou?

Com Qual Penteadado Eu Vou?, escrito por Kiusam de Oliveira e ilustrado por Adilson Farias, é um livro infantil que celebra a diversidade e a beleza dos cabelos afro. A história acompanha uma menina que, com muita alegria e imaginação, explora diferentes penteados e estilos de cabelo, mostrando a riqueza e a versatilidade dos cabelos crespos e cacheados.

A cada novo penteado – como tranças, black power, coques e torcidos – ela revela um pouco mais sobre sua identidade e cultura, inspirando-se em sua ancestralidade e nas tradições afro-brasileiras. Com uma narrativa poética e ilustrações vibrantes, Com Qual Penteadado Eu Vou? promove a autoestima, incentiva o orgulho da própria aparência e ensina às crianças a importância de abraçar e valorizar sua herança cultural.



O Pequeno Príncipe Preto

O Pequeno Príncipe Preto, escrito por Rodrigo França e ilustrado por Maurício Negro, é uma reinterpretação do clássico O Pequeno Príncipe, de Antoine de Saint-Exupéry. Nesta versão, a história é contada através da perspectiva de um menino negro que, assim como o pequeno príncipe original, embarca em uma jornada de autodescoberta e reflexão sobre a vida. Ao longo de sua viagem, ele encontra personagens que representam diferentes aspectos da sociedade e da cultura afro-brasileira, explorando temas como identidade, racismo, amizade e a importância da ancestralidade. O livro celebra a beleza e a riqueza da cultura negra, convidando os leitores a refletirem sobre questões sociais e a valorizarem a diversidade. Com uma narrativa sensível e ilustrações impactantes, O Pequeno Príncipe Preto é uma obra que promove a representatividade e a autoestima, proporcionando uma nova perspectiva sobre a clássica história.



Educando Crianças Antirracistas

Nesta história, Kieza, uma das porta-vozes da Escola dos Sonhos, convida os novos colegas a conhecer esse lugar em que o afeto, o cuidado e o respeito são prioridades, sem limitar ou invalidar ninguém.

Educando crianças antirracistas, livro da autora best-seller Bárbara Carine, deseja mostrar que um espaço escolar positivo, igualitário e gentil é possível e está muito mais próximo de nós do que imaginamos.



Dicas de Podcasts



Racismo é Coisa da Minha Cabeça ou da Sua?

Há quase duas décadas – por meio da Resolução CFP no 18/2002 – o Conselho Federal de Psicologia (CFP) estabeleceu as normas de atuação para as(os) psicólogas(os) em relação ao preconceito e à discriminação racial, colocando em evidência a necessidade urgente de fazer enfrentamento a todas as formas de racismo e reafirmando o compromisso da autarquia na defesa dos direitos dessa população. Com o objetivo de registrar a história e a atuação do Sistema Conselhos de Psicologia em relação ao tema, bem como estabelecer novas contribuições a esse debate junto à categoria e à sociedade, será lançada no dia 20 de novembro (Dia da Consciência Negra) a campanha “Racismo é coisa da minha cabeça ou da sua?”



Pretas na Rede

Pretas na Rede é um podcast que traz à tona vozes de mulheres negras para discutir questões relacionadas ao feminismo, racismo, cultura, política e representatividade. Com uma abordagem dinâmica e acessível, o programa propõe reflexões profundas sobre as experiências de mulheres negras no Brasil, abordando temas como empoderamento, desafios cotidianos, histórias de luta e conquistas. O podcast cria um espaço de diálogo, resistência e fortalecimento da identidade negra, conectando ouvintes de diferentes realidades com debates que valorizam a diversidade e promovem a justiça social.



Projeto Querino

O Projeto Querino é um podcast inovador que busca resgatar e valorizar a história da população negra no Brasil, trazendo uma nova perspectiva sobre a formação do país. A série mergulha em episódios históricos pouco explorados pela narrativa oficial, destacando o protagonismo de pessoas negras na construção da nação brasileira. Por meio de entrevistas, relatos e análises, o podcast explora temas como racismo, escravidão, resistência, e a contribuição das culturas afro-brasileiras para a sociedade. Com uma abordagem cuidadosa e embasada em pesquisa histórica, o “Projeto Querino” busca ampliar o entendimento sobre o passado, refletindo sobre como ele ainda impacta o presente, e promovendo uma visão mais justa e inclusiva da história do Brasil.





Expediente

Boletim Especial Novembro Negro, Ano I, Edição Novembro/2024, uma iniciativa do Comitê de Equidade de Gênero, Raça e Diversidade da PGE/BA.

3a Avenida, 370, Centro Administrativo da Bahia/CAB, Salvador/BA CEP: 41745-005
Telefone: (71) 3115-0492

Procuradora Geral do Estado
Bárbara Camardelli Loi

Procurador Geral Adjunto para Assuntos Administrativos
Ricardo José Costa Villaça

Procuradora Geral Adjunta para Assuntos Jurídicos
Patrícia Saback

Procuradora Chefe do Centro de Estudos e Aperfeiçoamento - CEA
Ivana Barreto Pirajá

Analista de Procuradoria - Apoio Jurídico
Carolina Bahiana Dórea

Analista de Procuradoria - Apoio Administrativo
Denise Maria Carvalho Viana

